

Não quero usar a força, só quero a Groenlândia, diz Donald Trump

Discurso do presidente americano em Davos foi marcado por falas polêmicas

Por Igor Gielow e Isabella Menon
(Folhapress)

Em meio a escalada de tensões em busca da Groenlândia, o presidente dos EUA, Donald Trump, chega ao Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça. No início do discurso, na tarde desta quarta-feira (21), o presidente provocou países europeus e disse que eles deveriam seguir o que os Estados Unidos estão fazendo em termos econômicos.

"Alguns lugares na Europa, francamente, não são mais reconhecíveis. Vocês podem discutir, mas é isso. Meus amigos voltam da Europa e dizem que não reconhecem. Eu amo a Europa e quero ver a Europa ir bem, mas [o continente] está indo na direção errada", disse Trump.

Segundo o republicano, nos últimos anos houve um consenso em Washington e na Europa de que a única forma de impulsionar uma economia seria com gastos governamentais e uma política de imigração.

"O consenso era que os chamados 'trabalhos sujos' e indústria pesada deveria ser mandada para fora e que a energia acessível deveria ser substituída pela máfia da energia verde", disse o presidente em tom de crítica.

Os ataques ao continente acontecem logo após o presidente descrever resultados positivos da economia americana.

"Os Estados Unidos está no caminho mais rápido de crescimento



Trump criticou Europa e disse que países deveriam seguir os passos dos EUA na economia

da história do país", afirmou. O republicano reiterou que as pessoas estão "muito felizes" com ele. "Quando os EUA vai bem, o mundo vai bem, quando vai mal, todos caem."

Na terça (19), o FMI estimou crescimento de 2,4% no PIB dos EUA em 2026, um aumento de 0,3 ponto percentual em relação às projeções anteriores.

O republicano, em diferentes momentos, se gabou pelos bloqueios e ter desmantelado usinas de energia renovável nos EUA. Também criticou por diversas vezes a política migratória da Europa e reforçou suas políticas migratórias.

Esta é a primeira ida de Trump

a Suíça em seis anos. No início do discurso, o republicano agradeceu a presença e brincou que estava diante de amigos e inimigos no evento. Antes de embarcar ao evento, o republicano afirmou em entrevista a jornalistas que imaginava que seria um interessante momento e que não fazia ideia o que poderia esperar do evento.

Na véspera da aguardada fala do republicano, o secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, falou no evento e pediu que os países europeus evitassem qualquer tipo de retaliação diante da empreitada de Trump de assumir o controle da ilha de domínio dinamarquês e pe-

diu que os aliados tivessem a mente aberta sobre o tema.

"Digo a todos: acalmem-se. Respirem fundo. Não revidem. O presidente estará aqui amanhã e transmitirá sua mensagem", disse Bessent. O americano afirmou que as tarifas devem ser entendidas como um instrumento de negociação e não como um ataque direto à Europa.

"O uso de tarifas tem sido uma forma eficaz de levar países à mesa de negociação em temas estratégicos", afirmou o secretário.

Groenlândia

Mas o momento de maior tensão foi quando Trump disse

que não quer usar a força para tomar a Groenlândia, mas começar negociações imediatas para ter a posse do território autônomo que a Dinamarca diz não estar à venda.

Ele fez a afirmação no seu esperado discurso no Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça). Ele comentava sua investida sobre a ilha ártica, que novamente chamou de um ativo indispensável parar a segurança dos EUA em caso de um conflito com a Rússia ou a China. "Qualquer guerra se iria travada lá", disse.

"Tudo o que eu peço é um pedaço de gelo. É bem menos do que recebemos ao longo dos anos. Nós demos à Otan muito, e não recebemos nada de volta", disse Trump sobre a Otan, aliança militar ocidental criada pelos EUA em 1949, da qual a Dinamarca é membro fundador.

O republicano lembrou que os EUA ocuparam a ilha quando os nazistas tomaram a Dinamarca, em 1940, devolvendo o território a Copenhague ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. "Foi estúpido", disse Trump, dizendo que "a Dinamarca foi ingratá".

Em 1946, a Casa Branca tentou comprar a ilha, mas a proposta foi rejeitada pelos europeus. "Só queremos esse pedaço de gelo. Se vocês aceitarem, vamos gostar. Se não, vamos nos lembrar", afirmou, depois de negar que a ação visse minar a Otan.

Governo Trump publica lista com erros e exageros

Molly Riley/ Casa Branca



Lista de '365 vitórias' celebra um ano do segundo mandato

O governo Donald Trump publicou na terça (20) no site da Casa Branca uma lista de "365 vitórias em 365 dias", listando supostas conquistas da gestão desde que o republicano voltou ao poder em 20 de janeiro de 2025.

A lista inclui uma série de erros factuais, frases inverídicas, interpretações exageradas e ações preliminares que ainda dependem de aprovação do Congresso ou da Suprema Corte. Também cita muitas medidas verdadeiras, mas cuja legalidade questionada ou que têm pouco a ver com ações da Casa Branca.

A lista divide os 365 itens em dez categorias. "Protegendo as fronteiras da América e colocando os americanos em primeiro lugar"; "Tornando nossas comunidades seguras de novo"; "Reconstruindo uma economia para a classe trabalhadora"; "Defendendo a indústria e os trabalhadores americanos"; "Potencializando a inovação e tecnologia americanas"; "Reafirmando a liderança americana no mundo"; "Construindo um Exército mais

forte e moderno"; "Fazendo um governo para as pessoas"; "Tornando a América saudável de novo"; e "Desbloqueando o domínio energético americano e o senso comum".

Entre as medidas que incluem erros estão, por exemplo, a afirmação de que o tráfico de fentanil, principal opioide que causa a crise de overdoses nos EUA, caiu 56% em um ano. Na verdade, a queda foi de 30%, segundo o jornal The Washin-

gton Post, seguindo uma tendência que vem desde 2023 - as razões para isso ainda não estão claras, com especialistas sugerindo que as rotas de tráfico podem ter mudado.

A lista também está equivocada quando fala do corte de recursos que o governo Trump impôs à UNRWA, a agência da ONU para refugiados palestinos. A Casa Branca diz que a agência empregou "centenas de combatentes do Hamas e jih-

istas". Depois de uma investigação interna, a UNRWA demitiu apenas nove pessoas que identificou terem contato com o grupo terrorista.

Outros pontos da lista incluem inverdades. O governo Trump diz, por exemplo, que revogou vistos de "universitários subversivos pró-Hamas", medida que teria "restaurado a segurança, liberdade de expressão e valores americanos em universidades de todo o país". Não há provas de que os estudantes visados pelo governo federal, como o ativista palestino Mahmoud Khalil, tenham qualquer ligação com o grupo terrorista.

Também não é verdade que o número de homicídios em Washington caiu 60% desde agosto, quando o governo federal entrevistou na segurança da capital, como afirma a lista. Na realidade, houve uma queda de cerca de 30% entre 2024 e 2025, um dado que abrange o ano inteiro e reflete uma tendência constante dos últimos anos.

Outra inverdade é a afirmação de que os africanos, a minoria branca da África do Sul, sofriam discrimina-

ção racial em seu país. É assim que a Casa Branca justifica o fato de que esses sul-africanos foram algumas das poucas pessoas a receberem status de refugiado nos EUA em 2025.

Há ainda pontos exagerados. A lista afirma que o governo Trump deportou 400 mil imigrantes que haviam cometido um crime - uma análise da Folha de S. Paulo mostrou que apenas 113 mil pessoas haviam sido deportadas pelo ICE de janeiro a setembro, e outros levantamentos apontam que apenas uma parcela diminuta dos expulsos tinha antecedentes criminais.

Outras afirmações são verdadeiras, mas estão fora de contexto, como quando a Casa Branca diz que Trump assinou um decreto encerrando a cidadania automática para filhos de imigrantes em situação irregular. O documento de fato foi publicado pelo governo, mas a Justiça suspendeu sua validade, e a Suprema Corte ainda não analisou a constitucionalidade da medida.

Por Victor Lacombe
(Folhapress)